



Ana Cristina Santana

Marques Simões

Nº 150140002

***A Hora do Conto como contributo para a
aprendizagem da leitura e da
escrita***

Relatório da Componente de Investigação de Estágio III do Mestrado em
Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo
do Ensino Básico**

Orientador: Professor Luciano Pereira

Setúbal, Dezembro de 2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha família por me apoiar e incentivar a frequentar o ensino superior. Sem eles nada seria possível e não poderia estar onde estou nem ser o que sou, por essa razão o primeiro agradecimento é para a minha mãe e para o meu pai, que me proporcionaram sempre o melhor da vida.

Agradeço também ao meu irmão por me ter acompanhado nos momentos em que mais precisava dele. Nas longas noites de escrita lá estava ele ao meu lado para não me deixar desistir. Obrigada Miguel por todo o teu apoio.

Aos meus amigos, um grande obrigada por toda a paciência e força que me deram, foram sem dúvida uma peça fundamental para que pudesse concluir esta etapa da minha vida.

Ao meu companheiro de vida agradeço por me iluminares quando parecia estar tudo às escuras, por me levatares quando estava em baixo, por leres cinquenta páginas o mais rápido possível para que eu não tivesse que esperar muito pelo feedback. Obrigada por tudo e por mais alguma coisa.

Agradeço ainda ao meu orientador, professor Luciano Pereira, por todo o esforço e paciência que teve comigo. Agradeço-lhe pelas dicas fundamentais e por me elucidar e tornar tudo mais simples.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus meninos do 1º A da escola Nº1 da Trafaria, à professora cooperante Vanda Silva e a todos os profissionais com os quais me fui cruzando ao longo do estágio. Obrigada pela forma carinhosa como me receberam e pelas aprendizagens que me transmitiram. Foram sem dúvida um grande contributo para a minha vida tanto a nível profissional como a nível pessoal.

Agradeço a todos vocês referidos aqui fundamentalmente por acreditarem em mim enquanto profissional da educação.

Resumo

O presente projeto foi desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular Estágio III do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. Este projeto foi aplicado numa turma de 1º ano. O tema do projeto recaiu sobre a Introdução à Educação Literária tendo como principais objetivos desenvolver a leitura e a escrita, aumentar o vocabulário dos alunos e promover o gosto pela leitura e manuseamento dos livros. Tendo presente este enquadramento, o projeto girou em torno da atividade educativa e pedagógica *A Hora do Conto*.

Senti a necessidade de trabalhar neste sentido uma vez que é escassa a leitura e o contacto que os alunos têm com os livros, seja em casa ou até mesmo em sala de aula, neste contexto. É notório que a educação literária não é uma componente imprescindível na sala de aula, no entanto é através da mesma que podemos desenvolver a leitura, o gosto pela mesma e até mesmo a escrita.

Uma vez que o vocabulário dos alunos desta turma é muito limitado e não existem hábitos de leitura, porque também ainda estão a aprender a fazê-lo, procurei desenvolver um projeto que estimulasse os alunos nesse sentido, de modo a que possam desenvolver essas competências. Outros motivos que contribuíram para a escolha deste tema foram o facto de os alunos apresentarem comportamentos menos próprios no manuseamento dos livros e ainda o desinteresse pelo cantinho da biblioteca já existente na sala de aula, que foi remodelado durante o projeto.

Através das conclusões obtidas, posso afirmar que foi possível proporcionar aos alunos uma variedade de vivências, as quais contribuíram para o desenvolvimento da leitura e para o interesse pelos livros. Esse desenvolvimento e esse interesse foi notório em conversas informais e formais com os alunos, na análise dos livros e contos lidos e até no desejo que os alunos criaram em deslocar-se até ao cantinho da biblioteca com mais frequência.

Palavras chave: Educação Literária; Hora do Conto; Aprendizagem da Leitura e Escrita; Livros

Abstract

This project was developed in the scope of the Curricular Unit Stage III of the Master in Preschool Education and Teaching of the 1st cycle of Basic Education. It was applied in the 1st class and observed the Introduction to Literary Education as theme, whose main objectives were to develop reading and writing, increase students vocabulary and promote a taste for reading and handling books. Bearing in mind this framework, the project revolved around the educational and pedagogical activity “A Hora do Conto”.

I felt the need to work in this direction as there is little reading and contact that students have with books, whether at home or even in the classroom, in this context. It is notorious that literary education is not an indispensable component in the classroom, however it is through it that we can develop reading, a taste for it and even writing.

Since the vocabulary of the students in this class is very limited and there are no reading habits due to the fact that they are still learning to do so, I tried to develop a project that would encourage students to follow this direction in a way that they can develop this kind of skills. Other reasons that contributed to the choice of this theme were the fact that the students presented less proper behaviors in the handling of books and the lack of interest in the library corner that already exists in the classroom, which was refurbished during the project.

Through the conclusions obtained, I can state that it was possible to provide students with a variety of experiences, which contributed to the development of reading and interest in books. This development and interest was clearly present in informal and formal dialog with students, in the analysis of books and short stories read, and even in the desire that students created to go to the corner of the library more often.

Keywords: Literary Education; Story Time; Reading and Writing Learning; Books

Índice

Introdução.....	6
1. Enquadramento teórico- A Literatura e o aluno.....	9
1.1. A importância da Literatura no desenvolvimento do aluno	9
1.2. Relação entre a cognição, a leitura e a escrita	11
1.3. A relação entre o livro, o aluno e a escola	13
1.4. <i>A Hora do Conto</i> como estratégia de animação de leitura.....	16
2. Metodologia de investigação.....	19
2.1. Opção metodológica: Investigação-ação.....	19
2.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	22
2.2.1. Observação	22
2.2.2. Análise documental	22
3. Caracterização do contexto Educativo	24
3.1. O Agrupamento	24
3.2. A Escola	25
3.3. A Turma.....	27
4. Análise textual: livros infantis.....	29
4.1. Análise e interpretação das estruturas narrativas dos livros lidos	29
4.1.1. “A estrela de Laura”	29
4.1.2. “Lavar, escovar, esfregar!”	30
4.1.3. “Anita mamã”	31
5. Propostas pedagógicas em torno dos livros para os alunos e reflexão sobre as competências desenvolvidas	33
5.1. “A estrela de Laura”	33
5.2. “Lavar, escovar, esfregar”	35
5.3. “Anita mamã”	38
6. Projeto de desenvolvimento e animação do cantinho da <i>Hora do conto</i>	41
6.1. Objetivos do projeto	42
6.2. Intervenção pedagógica.....	43
6.3. Avaliação da intervenção.....	45
Considerações finais	47
Bibliografia	49
Apêndices.....	51
Apêndice 1- História “A estrela de Laura” de Klaus Baumgart	51
Apêndice 2- História “Lavar, escovar, esfregar”	54
Apêndice 3- História “Anita mamã”	57
Apêndice 4	60

Introdução

O presente projeto tem como base o estágio realizado no âmbito da Unidade Curricular Estágio III do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico.

A Unidade Curricular mencionada tem como objetivo proporcionar aos alunos experiências autênticas no que toca à profissão neste caso, mais concretamente, professor do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a ser possível adquirir competências de ação profissional, fazer uso dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação académica e ainda criar uma identidade profissional.

Deste modo optei por realizar este projeto de investigação tendo por base a metodologia Investigação-Ação.

Como já foi referido, o presente projeto contou com a participação da Turma A do 1º ano. A turma contava com a presença de 17 alunos, com idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos de idade.

Tal como refere o título do presente projeto, *A Hora do Conto* como contributo para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pretendo desta forma explorar as potencialidades desta atividade educativa e pedagógica contribuindo para a formação de leitores críticos e autónomos.

A aprendizagem da leitura e da escrita é um processo contínuo e progressivo que se inicia logo que a criança nasce. A linguagem falada e a linguagem escrita desenvolvem-se em conjunto uma vez que a escrita é a representação da falada. Por outro lado, enquanto a língua falada exige um conhecimento implícito dos fonemas e é utilizado de forma inconsciente, a escrita exige conhecimentos acrescidos adquiridos com a aprendizagem formal, uma vez que apela à consciência fonológica, ao conhecimento das letras do alfabeto e ao conhecimento das correspondências estabelecidas entre grafemas e fonemas. O seu sucesso depende, em grande parte, da ação intencional dos educadores e dos pais. Deste modo é necessário ter um papel ativo na aquisição destas competências motivando os alunos e proporcionando-lhes momentos de aprendizagem.

O contributo da literatura direccionada para as crianças é alvo de estudos um pouco por todo o mundo, tendo começado a ser mais relevante a partir do século XVIII. Foi durante este século que as crianças começaram a ser vistas de uma forma diferenciada dos adultos. Desde então, foram várias as teorias levantadas com o objetivo de estimular as capacidades das crianças com o intuito de se tornarem cidadãos exemplares na sociedade.

Passando para a atualidade, onde é pretendido que a Escola instrua os alunos para a sociedade em que vivem, pretendendo-se que se tornem cidadãos informados, críticos e conscientes para desempenharem a sua função. Como indica José António Gomes (2002, p. 5), fala-se:

“de gente capaz de (...) saber enfrentar duras realidades da existência, as frustrações e as feridas narcísicas, e de empreender um percurso de vida em sociedade baseado na capacidade de modelizar e reinventar o real através da linguagem. Falo de mulheres e homens aptos a, recorrendo à palavra, interagir de forma adequada com os seus semelhantes, na base da comunicação verbal, da argumentação e da negociação, tanto no exame lógico dos problemas, como na expressão da discordância, do protesto ou dos afectos”.

Para que tudo isto seja possível é necessário que exista uma colaboração entre o professor e os encarregados de educação dos alunos, tal como já foi referido, uma vez que são eles que poderão proporcionar uma aprendizagem mais significativa e construtiva ao aluno. Não se pretende, com isto, aludir à perfeição do ser humano, mas sim dar a perceber que a Literatura Infantil, pelas suas características peculiares, é um instrumento mais proveitoso para contribuir, de uma forma lúdica e divertida, na formação da identidade pessoal da criança.

Se um dos inibidores na formação do leitor traduz-se na dificuldade que os indivíduos sentem ao ler, entende-se que, muito provavelmente enquanto criança, não contactou com livros o suficiente para o explorar, para o considerar mais um dos seus brinquedos. O livro alarga a perceção do mundo na criança, “educa a sua sensibilidade, abre as portas para o imaginário, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros” (Traça, 1992, p. 75)

Deste modo irei focar-me, ao longo deste projeto, na consciência fonológica, na compreensão das histórias e na motivação para a leitura. A escrita também será uma área abordada durante o projeto, mas com menor relevância.

Como refere Teresa Mergulhão (2002, p. 86), é “fundamental para o percurso cognitivo e psico-evolutivo do ser em crescimento o contacto com a literatura que lhe é particularmente dirigida”. Deste modo, podemos afirmar a importância da literatura no desenvolvimento dos alunos.

O presente projeto encontra-se dividido em seis capítulos.

O primeiro capítulo pretende explicar a importância da literatura na formação dos alunos, a relação entre a escola, os alunos e os livros e ainda a relação que existe entre a leitura e a escrita e que contributo é que estas relações podem ter no desenvolvimento dos alunos.

O segundo capítulo conta com a apresentação dos métodos utilizados durante a aplicação do projeto em sala de aula com a turma. Será explicado os objetos utilizados para chegar às conclusões alcançadas.

O terceiro capítulo apresenta de forma detalhada o contexto educativo em que o projeto foi aplicado. Será feita a descrição do Agrupamento de escolas em que a escola em questão está inserida, da própria Escola e ainda da turma em questão.

No quarto e no quinto capítulo será feita a apresentação das obras utilizadas e das atividades que delas surgiram de modo a pôr em prática o projeto. Será ainda feita a análise das atividades e das suas conclusões.

Por último, o sexto capítulo, contará com a descrição do projeto de melhoramento do cantinho da biblioteca, os seus objetivos e o seu contributo pedagógico para os alunos da turma.

Neste projeto ainda podemos encontrar como último ponto as considerações finais que, como o próprio nome indica, pretende explicar as conclusões a que cheguei com a aplicação deste projeto.

Ao longo do projeto são ainda apresentadas algumas imagens como ilustração do que está explanado no texto.

1. Enquadramento teórico- A Literatura e o aluno

No presente capítulo pretendo mostrar a importância da Literatura e explicar o facto de a mesma ser um ótimo meio para adquirir conhecimento e que propicia o desenvolvimento cognitivo e afetivo, podendo até ser um bom instrumento didático que promove a interdisciplinaridade entre as diversas áreas de conteúdo.

De qualquer modo irei focar-me especificamente em três pontos. O primeiro a Educação Literária propriamente dita, onde serão referidos os seus objetivos, o papel que lhe é atribuído na escola e a sua importância para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. O segundo ponto será focado na relação existente entre a leitura e a escrita. O terceiro ponto explicitará a relação entre o livro, enquanto material didático, a escola e o aluno. E por último, o quarto ponto focar-se-á na mediação literária e nas estratégias de ação utilizadas, nomeadamente *a Hora do Conto*.

1.1. A importância da Literatura no desenvolvimento do aluno

Vários já foram os estudos elaborados e os livros escritos sobre a importância da literatura no desenvolvimento da criança, estando a mesma numa fase de grande intensidade de desenvolvimento cognitivo, intelectual e emotivo. Neste trabalho o que pretendo é explicar de forma clara e objetiva o modo como a literatura influencia o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, com particular ênfase no seu contexto escolar.

Desde o século XIX que os livros têm uma função importante na sociedade, sendo um instrumento de formação e uma fonte de informação e dando um contributo enorme para a maturação e educação das crianças como futuros adultos cultos e críticos. No entanto, a leitura exige “concentração, relação, reflexão, comparação e previsão” (Gomes J. A., 2002, p. 5), tais ações estimulam a organização do pensamento, o que faz com que o raciocínio seja estimulado. Para Piaget, quando a criança nasce, ela já traz consigo uma inteligência que fica guardada e só se irá desenvolver através dos estímulos externos adquiridos pelo meio em que ela vive,

sendo essa em duas etapas, afetiva e cognitiva, que vão trabalhando juntas de uma forma simultânea. Após o seu nascimento a criança só irá construir conhecimento através da interação com os indivíduos inseridos no meio em que está inserida, “conhecer é organizar, estruturar e explicar a realidade a partir daquilo que se vivência nas experiências com os objetos do conhecimento” (Piaget, 1994).

O facto de existir uma literatura para infância variada, tanto nos seus temas como nas suas formas, que nos confronta com inúmeras situações, com uma diversidade de valores, tanto conotados positivamente, como negativamente, confirma o seu valor formativo e educativo que a escola não pode deixar de aproveitar e desenvolver uma vez que transmitem condutas, afetos, princípios e conhecimentos que irão ajudar a construir a personalidade da criança.

Existe a necessidade de um trabalho dos agentes educativos, tanto encarregados de educação, como professores, para despertarem o interesse das crianças pelo livro. Deste modo existirá um maior gosto pela leitura e os livros passarão a fazer parte do quotidiano das crianças:

“a leitura permanece uma das chaves fundamentais da cultura, apresenta vantagens perfeitamente únicas, embora ninguém goste de fazer uma coisa que lhe é particularmente difícil. Se muitas crianças e mesmo muitos adultos não leem, é porque não sabem ler bem, acham a leitura demasiado difícil e o acesso aos livros muito complicado. Em obediência à lei do menor esforço, procurarão outra fonte de informação ou de distração” (Traça, 1992, p. 75).

Faço aqui referência à especificidade da leitura do texto escrito e não à conotação da leitura enquanto descodificação e interpretação do mundo. A criança, desde cedo, “lê o sorriso da mãe que se debruça no berço, lê a cor e a forma dos objectos que lhe são familiares” (Traça, 1992, p. 75). Ou seja, a criança antes de atribuir um significado à escrita, muito antes de saber ler um livro, já aprende os mecanismos da leitura. Quero com isto dizer que a leitura, no seu sentido mais amplo, não é algo que se aprenda única e exclusivamente na escola.

De qualquer modo, é na escola que a criança aprende a dar vida ao livro, onde desenvolve todos os seus sentidos, estando exposta às emoções e desenlaces do livro.

Posso então afirmar que, ao garantir uma relação próxima entre a criança e a literatura, está-se a contribuir para o desenvolvimento do pensamento lógico e da imaginação da criança, conceitos, que segundo alguns autores, apresentam-se inequivocamente articulados e interdependentes: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista” (Vygotsky, 2008, p. 128).

Desta forma, Vygotsky afirma que na imaginação a direção da consciência tende a afastar-se da realidade. No entanto, afirma também que esse afastamento, que é provocado pelo contar de uma história, por exemplo, ajuda a que exista uma maior consciência da tal realidade: “o afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece” (Vygotsky, 2008, p. 129).

Como tal, a literatura abre portas para o universo da imaginação, incentivando a criança a praticar a leitura de uma forma prazerosa. Ou seja, o hábito da leitura além de ser uma fonte de lazer, também aumenta a proficiência da escrita e da própria leitura, contribuindo para a formação de uma sociedade com cidadãos leitores, pensantes e críticos.

1.2. Relação entre a cognição, a leitura e a escrita

O processo de aprendizagem da leitura e também da escrita são processos complexos, uma vez que abrangem várias dimensões, sendo uma delas a dimensão cognitiva. Ao desenvolver as capacidades cognitivas, empenhando-se em tarefas desse mesmo cariz, afeta a facilidade ou a dificuldade com que se aprende a ler e a escrever. Ou seja, existe uma relação entre as capacidades cognitivas e a aprendizagem da leitura e da escrita: “a tarefa da leitura constitui-se como uma actividade múltipla e complexa, implicando um conjunto de processos de diferentes tipos” (Cruz, 2007, p. 64). Deste modo, a leitura é uma tarefa cognitiva complexa que envolve uma panóplia de processos

psicológicos de diferentes níveis, uma vez que “inicia-se com um estímulo visual e que termina com a compreensão do texto, sendo que, para chegar de uma à outra é necessária uma acção global e coordenada de diferentes processos” (Cruz, 2007, p. 65). Rebelo citado por Cruz (2007, p. 65) apresenta a leitura como um “conjunto de quatro processos: conhecimento do código escrito e a sua especificidade em relação ao código oral; domínio do acto léxico visual; existência de conhecimentos conceptuais e linguísticos; construção de significações a partir de indícios visuais”.

Por ser algo complexo poderão surgir dificuldades na aprendizagem da leitura. No 1º ano existe uma dificuldade na aprendizagem do alfabeto, associando os fonemas às letras, tendo essa relação características abstratas. De qualquer modo, como já foi referido, a atividade da leitura é afetada por vários processos psicológicos. Por outro lado, a atividade da escrita é constituída por um processo contrário ao da leitura, uma vez que consiste na “codificação da linguagem por meio de sinais gráficos” (Rebelo, 1993, p. 31).

A linguagem escrita tem um papel fulcral na representação da linguagem oral, reforçando a convicção de que a escrita tem uma relação profunda com a linguagem oral, assim como refere Inês Sim-Sim (2006, p. 139) “A linguagem escrita enquanto representação da linguagem oral está intimamente ligada à própria oralidade e exige a capacidade de descontextualização do discurso oral o que requer controlo e uma reflexão constante sobre o conhecimento do oral”

Ao praticar a escrita, a criança está tanto a desenvolver a escrita com a leitura uma vez que está a descodificar a ligação entre grafema e fonema e vice-versa. Desta forma está a aprender representações das palavras precisas e específicas: “aprende-se a escrever escrevendo” (Martins & Niza, 1998, p. 26). É necessário ter consciência também de que “a escrita é regida pelo princípio da correspondência entre unidades sonoras e unidades gráficas” (Sim-Sim, 2006, p. 140)

Inerente a tudo isto explanado existem ainda os fatores intrapessoais sendo esses tudo o que está relacionado com a criança, ou seja as suas capacidades, motivações e até mesmo personalidade. Os fatores interpessoais, ou seja as relações da criança com os seus colegas e professor. Por último, os fatores contextuais, ou seja o contexto em que a criança está inserida, a família, a escola. Posso concluir que nem tudo

depende inteiramente da criança. No entanto, é a consciência fonológica que assume o papel de fator “fundamental para a aquisição e domínio da leitura” (Cruz, 2007, p. 66). Para além disso, segundo Inês Sim-Sim (2006, p. 172), a criança também evolui “nos conceitos que formula sobre a escrita em consequência de se tornar progressivamente consciente dos sons da sua língua materna”.

O domínio fonológico tem um grande papel no processo de aprendizagem da leitura e da escrita uma vez que não é possível separar a aprendizagem da leitura e da escrita dos sons produzidos aquando falados. Desta forma, os mecanismos cognitivos de consciência linguística estão presentes na relação entre as unidades sonoras e gráficas. Inês Sim-Sim (2006, p. 63) afirma que “aprender a ler e escrever exige a mobilização da capacidade cognitiva de refletir conscientemente sobre a linguagem oral que o aprendiz leitor já conhece”. Esta consciência fonológica dá aos alunos conhecimento suficiente acerca da estrutura sonora para que possa ser utilizado quando for confrontado com os grafemas.

Concluindo, tanto a leitura como a escrita envolvem capacidades cognitivas uma vez que passa por processos de descodificação e codificação. As crianças ao praticarem acabam por minimizar o esforço cognitivo passando a fazer parte delas, tornando-se automático.

1.3. A relação entre o livro, o aluno e a escola

Vou começar por perceber como tudo começou, como é que as crianças adquirem as capacidades ao longo da vida de modo a entender como chegamos ao 1º ciclo e os alunos conseguem compreender a leitura trabalhando essas mesmas capacidades já previamente adquiridas. Posso dizer que vou verificar algumas linhas orientadoras no que toca ao desenvolvimento linguístico das crianças.

Nas idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, no Pré-escolar, a escola é o local que promove as trocas linguísticas uma vez que é através dessas trocas que existe uma evolução das relações, assim como existe desenvolvimento nas atividades que são executadas. Nesta altura a criança manifesta-se tendo em conta o seu desenvolvimento, intelectual e afetivo. Rigolet (2006, p. 142) indica que a fase em que as crianças se encontram nesta altura, é a fase do “desenvolvimento da linguagem interior e da

expressão” onde as crianças adquirem o pensamento lógico e concreto. Ou seja, as crianças já conseguem fazer uma distinção de número, distinguindo o singular do plural, dão mais destaque à linguagem verbal em detrimento da linguagem corporal, tornam-se mais precisas em atividades de coordenação motora. Para além disso utilizam tanto frases simples (“A mãe está a cozinhar”), como frases coordenadas (“Eu fui à praia, mas o Joel não foi”), como frases justapostas (“O meu tio, irmão da minha mãe, chama-se José”).

A partir daqui, percebe-se que as crianças já se expressam de forma clara e descritiva, de modo a ser cada vez mais fácil compreendê-las.

Avançando um pouco mais, nas crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos, Rigolet (2006, p. 147) afirma que os discursos das crianças tornam-se mais elaborados, ou seja “a qualidade do discurso suplanta a quantidade” onde são construídas frases mais longas e pormenorizadas.

Desde o seu nascimento até aos 6 anos de idade, no que toca à leitura, torna-se imperativa e prioritária uma abordagem sistemática ao trabalho com o livro permitindo assim que exista um desenvolvimento nas capacidades que foram referidas em cada uma das fases enunciadas.

É entre os 3 e os 6 anos de idade que as crianças apreciam a fantasia, contos, a dramatização, pequenas obras poéticas, os jogos simbólicos e é a partir deste interesse por tudo isto que emerge a necessidade de criar bibliotecas nas escolas e se possível em sala de aula. Deste modo é possível potenciar uma autonomia na criança na procura pelo livro uma vez que já demonstram interesse em fazê-lo.

Posto isto, é necessário que a biblioteca escolar, ou da sala, tenha uma diversidade no seu conteúdo, sendo imprescindível uma variedade de livros que vá desde a fantasia, os contos até aos conteúdos informativos e científicos.

Chego então à conclusão que a criança já não se contenta apenas com a simples leitura, começa a interessar-se por trabalhar tendo por base a leitura utilizando a mesma em dramatizações, por exemplo. No entanto continua a apreciar a repetição da leitura dos contos uma vez que se torna numa leitura ativa pois a criança já consegue prever os acontecimentos do conto, completando frases e tomando atenção aos pormenores.

Fazendo menção à relação entre a Escola e o Livro “a escola sempre foi um espaço de circulação de «letras», um espaço letrado” (Coutinho & Azevedo, 2007, p. 38). Posso assim concluir que a escola está realmente associada à escrita e às letras cumprindo os seus objetivos enquanto instituição formadora. Desta forma, é o professor que tem a função de inserir os seus alunos no mundo dos livros e da leitura onde lhes ensinará como obter conhecimento através dos mesmos, como encontrar o livro certo e como manusear, preservar e apreciar este recurso: “se considerarmos a escola como campo fértil, onde ocorre a produção da leitura e leitores, torna-se relevante o papel do professor” (Silva & Mociño, 2013, p. 102). Os autores enunciados afirmam ainda que “ele (o professor) deve apresentar sensibilidade a uma forma de expressão que o leve não apenas a transmiti-la, mas a vivê-la com as crianças” (Silva & Mociño, 2013, p. 102).

Relativamente à biblioteca escolar, sendo neste caso em concreto a biblioteca de sala de aula, tendo sido denominada como Cantinho do Conto, a mesma deve ter um conteúdo diversificado, como já foi referido, estando tudo corretamente organizado. De forma a facilitar a busca dos livros pelos alunos, os mesmos devem estar devidamente identificados.

A biblioteca, sendo um local educativo, tem como objetivo proporcionar momentos de diversão e de aprendizagem, onde tudo é possível na mente de cada criança. É um local de partilha que é proporcionado pela escola que envolve os recursos essenciais: os livros e os seus alunos.

Em conclusão:

“Fazer viver a leitura é ligar o livro à vida criança, sem o limitar à aprendizagem e ao espaço escolar. É, longe de censuras e dos argumentos intelectuais, desvelar o interesse e o prazer da leitura, partilhá-los e discuti-los com ela. E é, finalmente, correr o risco de que, em qualquer lugar, a qualquer momento, o livro e o jogo da leitura possam estar presentes; sujeitos ao capricho de cada criança, para um breve encontro ou para uma longa conversa” (Gomes J. A., 2002, p. 10)

1.4. *A Hora do Conto* como estratégia de animação de leitura

Viajando um pouco até ao passado desta estratégia de animação de leitura, a *Hora do Conto*, sempre foi uma estratégia tradicional e famosa dentro do ensino doméstico como também no mundo das amas. Nos anos 60, começou a ser uma estratégia adotada por alguns jardins de infância. O hábito de ouvir um conto deixaria de fazer parte do ciclo doméstico das crianças e passaria a fazer parte da sua rotina enquanto alunos, uma vez que de casa passou para o jardim de infância e por conseguinte acabou por ser incluído no 1º ciclo e noutros contextos educativos, sendo os mesmos mais ou menos formais. Posso assumir que esta estratégia terá as suas diferenças quando aplicada nos variados contextos, os intervenientes diretos mudam consoante o contexto em que se está incluído assim como a sua complexidade.

Para que se possa promover o gosto pela leitura e o hábito de manejar e consultar um livro é necessário que se adotem estratégias que promovam tal objetivo. Deste modo a estratégia da hora do conto é fundamental nesta conquista.

Nos dias de hoje a hora de conto faz parte da rotina das crianças no contexto de pré-escolar, no entanto quando se dá entrada no 1º ciclo, deixa de ser uma atividade recorrente no dia a dia dos alunos. Poderá pensar-se que tal acontece porque deixa de existir tanto espaço para que isso aconteça e porque poderá pensar-se que o gosto pela leitura e pelo livro já foi adquirido pelos alunos durante a sua passagem pelo contexto de pré-escolar. No entanto nem tudo é real, nem todos os alunos conseguem adquirir uma ligação com o livro experienciando-o em pré-escolar. Existe uma necessidade em continuar com uma rotina que potencie uma experiência de aprendizagem através de um conto e uma crescente paixão pela leitura e pelo livro, uma vez que a hora do conto permite “alimentar a necessidade infantil de ouvir histórias, criando assim condições para que ela venha a satisfazer-se, também com a leitura futura de contos e romances juvenis” assim como “estimular, nas crianças que ainda não sabem ler, o desejo de dominar os mecanismos da leitura, de se tornarem, elas também, capazes de decifrar esse código misterioso que se espraia pelas páginas dos livros” (Gomes J., 1996, p. 37). Deste modo, é uma atividade que deve ser utilizada tanto pelos Educadores de Infância em pré-escolar assim como pelos professores no 1º ciclo do Ensino Básico para que

possam continuar a promover o contacto com os livros, o hábito de leitura e o gosto pela aprendizagem.

Ora, como afirmam Silva e Mociño (2013, p. 26), “a leitura exerce um papel crucial ao nível do desenvolvimento intelectual, da estruturação da imaginação, da formação da sensibilidade, do estímulo à reflexão e, genericamente, do crescimento individual e social”, ou seja a leitura tem realmente uma função importante na construção do aluno como cidadão, aprender a gostar de ler é sem duvida uma “conquista fundamental no processo de educação para a cidadania” (Gomes J. , 1996, p. 52). A aprendizagem da leitura e da escrita são processos complexos e requerem algum incentivo, motivação e muito treino sendo que esta prática pedagógica acaba por passar todos esses sentimentos aos alunos: “a dinamização da Hora do Conto é, um apelo à motivação da criança para a leitura e para a criatividade da escrita” (Albuquerque, 2000, p. 23). Ou seja estimula o interesse pelos hábitos de leitura criando um sentimento positivo no que toca ao livro e à leitura.

O espaço da *Hora do Conto*, onde o professor lê em voz alta uma história, um conto, permite que exista “uma hora de apaziguamento e de libertação do imaginário, durante a qual todos se encontram congregados por um sentimento e uma vontade comuns, de profundo sentido pedagógico” (Gomes J., 1996, p. 36)

Por esta prática pedagógica ser uma atividade mais lúdica e proporcionar um momento diferente do habitual na rotina do ensino formal, viabiliza um contacto entre os alunos e a literatura promovendo a aprendizagem da língua e da literatura, ajudando os alunos a refletir sobre o que aprenderam. Segundo as ideias de Mesquita (2013), tudo isto acontece através do fantástico, uma vez que esta componente literária destinada às crianças é uma das mais importantes visto que é através da mesma, das emoções que as histórias transmitem às crianças, que o simbolismo que está implícito na ação e nas personagens vai atuar no inconsciente das mesmas e ajudá-las a resolver os conflitos interiores normais nessa fase de vida. Rigolet (2009, p. 137) também afirmou que “graças a um conto, a pessoa transforma-se de «leitor de texto» em «leitor do mundo», o mundo próximo que o envolve diretamente, o mundo distante que o transporta para outras realidades”.

A Hora do Conto, como atividade, possibilita que os alunos aprendam a viver e a compreender o mundo que as rodeia, no sentido em que aprendem a conversar uns com os outros sobre as histórias lidas, partilham o que gostam e o que não gostam, desenvolvem as suas capacidades: “é através da linguagem, que a criança entra em mundos imaginários possíveis e não-circundante e, como um pequeno cientista, passa à construção de uma série de hipóteses paralelas que podem ir explicando o mundo dela” (Albuquerque, 2000, p. 15).

Sendo então uma atividade pedagógica, a hora do conto precisa de ser planeada e refletida pelo professor, tendo em conta os seus objetivos pedagógicos: “a Hora do Conto terá de nortear-se por princípios como adequação (...), a variedade (...), a criatividade e a seriedade” (Albuquerque, 2000, p. 17). É ainda imprescindível ter em atenção as características dos alunos de modo a promover uma evolução intelectual e cognitiva. Antes de colocar a atividade em prática é necessário conhecer o que se vai apresentar, ou seja é necessário conhecer o conto/história, saber o que pretende trabalhar e ainda refletir sobre o mesmo. É ainda fundamental perceber qual a importância que o conto/história terá para os alunos e se se tornará significativa.

Segundo Pontes e Barros (2007, p. 72), para que o conto/história seja significativo/a é necessário “estabelecer ligação efetiva entre o sujeito e o objeto lido, ou seja, o texto tem de estar coerente às suas necessidades e interesses, fazendo uma ligação entre o texto e contexto, o seu mundo pessoal”.

É também imprescindível que o professor esteja envolvido na atividade e seja parte integrante da mesma, ou seja é de evitar ser um cd com o áudio da história, ou algo do mesmo género, é preferível que o professor opte por utilizar a sua voz e os livros: “o uso prático do livro e, mesmo numa fase posterior, a leitura da história do livro, parecem-me procedimentos louváveis, para aumentar a adesão afetiva da criança, que se encontre em fase de iniciação à leitura e escrita” (Albuquerque, 2000, pp. 26-27).

A escolha do espaço e a sua utilização também é um aspeto a ter em conta na organização da atividade: “as condições (físicas e humanas); o espaço; a postura e a arte de ler; o ambiente/clima e as atividades” (Gomes J. , 1996, p. 39). Entendo que o espaço em questão deverá estar organizado, sendo confortável e apelativo, convidando os alunos a utilizarem o espaço nos momentos concretos para o efeito, estimulando a

leitura e promovendo o gosto e os hábitos pela leitura. Posso então perceber que deverá existir um momento e um espaço concretos para a realização desta prática pedagógica que é *a Hora do Conto*, sendo uma atividade pedagogicamente interessante.

O professor tem a missão de proporcionar aos seus alunos uma viagem pelo fantástico, um momento de aprendizagem que facilita a construção de um indivíduo crítico e ativo: “é uma das atividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias” (Gomes J. , 1996, p. 35).

2. Metodologia de investigação

A metodologia Investigação-Ação é a escolhida para estudar esta problemática. Como o próprio nome indica, esta metodologia propõe unir a investigação com a prática, ou seja, desenvolver o conhecimento e a compreensão através da prática.

É sobre esta metodologia que me vou focar neste segundo capítulo.

2.1. Opção metodológica: Investigação-ação

Podemos caracterizar a metodologia investigação-ação indicando que constitui um meio de desenvolvimento profissional de “dentro para fora”, uma vez que parte das preocupações e interesses dos seus intervenientes, envolvendo-os no seu próprio desenvolvimento. O Psicólogo Kurt Lewin é o grande pioneiro desta metodologia.

Como afirma Moreira (2001) a “investigação-acção tem revelado constituir uma intensificação da prática reflexiva, pois combina o processo investigativo e a reflexão crítica com a prática de ensino, tornando esta mais informada, mais sistemática e mais rigorosa”, ou seja é um processo de colocação de questões e obtenção de respostas para compreender e melhorar o ensino e ambientes de aprendizagem.

É uma metodologia que se desenvolve através de planificação, ação, observação e reflexão. É, portanto, um processo sistemático de aprendizagem orientado para a prática, exigindo que a mesma seja submetida à prova, permitindo dar uma justificação

a partir do trabalho, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e examinada. Bogdan e Biklen (1994, p. 292), definem-na como uma atitude, uma ação que é tomada mediante objetivos e atividades, onde o investigador assume um papel ativo na causa da investigação. Uma metodologia que se baseia “na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais”. Estes autores preconizam a investigação-ação como uma forma de mudança social, onde a questão dos valores de uma sociedade ou comunidade são analisados e colocados em causa.

Já Moreira e Alarcão (1997), apresentam duas características que passam qualquer definição dada à Investigação-ação e que reúnem consenso quando o tema é a prática dos professores. A primeira baseia-se no facto de poder ser realizada pelo próprio professor, não se constituindo como investigação realizada por outrem sobre aquele. A segunda, em lidar com um problema específico, numa situação determinada e com a aplicação imediata ou a curto prazo dos seus resultados. Com a aplicação da metodologia investigação-ação, o investigador procura analisar os efeitos das mudanças que eventualmente se operaram, num processo cíclico entre a teoria e a prática.

A metodologia de investigação pela investigação-ação estabelece, pelo que já vem sendo descrito, uma ligação próxima com o mundo real e prático. Procura, em campo, os dados que sustentam a sua finalidade: dar respostas sobre um tema a partir da análise e reflexão na, e sobre, a ação.

Uma investigação desta natureza deve estar definida por um plano de ação, tudo isto sustentado por um conjunto de métodos e regras, que são chamadas fases neste processo metodológico:

- 1) A questão de partida e objetivos da investigação;
- 2) A definição do projeto de ação;
- 3) A fase de ação;
- 4) A avaliação.

Esta metodologia de investigação é bastante dinâmica, uma vez que possibilita aplicar os conhecimentos adquiridos no contexto observado de imediato, permitindo deste modo ligar a teoria à prática.

A planificação inicia-se com um problema, para o qual é necessário encontrar uma solução, ou com uma ideia geral. Seguindo-se uma etapa de reconhecimento ou identificação de fatos que resulta na construção de um plano geral para a resolução do problema detetado. Depois o plano será posto em prática e analisa-se a sua execução e os resultados obtidos para avaliar a ação desenvolvida, o que pode mostrar a necessidade de realizar mudanças no plano geral. Por fim esta etapa dá origem a um desenvolvimento em espiral de uma ou novas ações que induzem o aparecimento de mais planificação, ação, avaliação e tomada de decisões.

Escolhi esta metodologia uma vez que vai ser através da minha prática que vou chegar a algo que será refletido e porque foi de um problema que esta questão partiu. Ou seja, a metodologia investigação-ação passa por identificar um problema, pensar numa solução, colocar essa solução em prática, recolher os dados, refletir sobre os mesmos e alterar a prática, como já tem vindo a ser referido. O meu problema é que é necessário promover a leitura e o contacto com o livro de modo a tornar os alunos em adultos críticos, cultos e reflexivos, com gosto pela leitura, pela escrita e pelo livro. A minha solução será motivá-los introduzindo a prática pedagógica, *a Hora do Conto*. Serão recolhidos todos os dados da investigação colocada em prática e os mesmos serão analisados.

Julgo que seja o método mais apropriado uma vez que, segundo Moreira (2001) é neste vaivém continuo entre ação e reflexão que reside o potencial da investigação-ação enquanto estratégia de formação reflexiva, pois o professor regula continuamente a sua ação, recolhendo e analisando informação que vai usar no processo de tomada de decisões e de intervenção pedagógica.

Sem dúvida que será através da prática e da reflexão da mesma que vou conseguir desenvolver esta questão, de que outra forma poderia compreender se o trabalho colaborativo poderá ajudar a desenvolver a leitura e a escrita senão colocando em prática?

2.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados optei pelas seguintes técnicas: observação direta (aberta, participante e não-participante) e a pesquisa documental, sendo esta pesquisa elaborada através de grelhas, fotografias e as produções dos alunos. Nesta intervenção escolhi estas técnicas dado que permite ao investigador “estar atento ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são observados” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 196).

2.2.1. Observação

A observação direta é aquela em que o investigador procede diretamente à recolha das informações, sem que haja intervenção dos sujeitos observados. Incide sobre todos os indicadores pertinentes previstos. Tem como suporte um guia de observação que é construído a partir desses indicadores e que designa os comportamentos a observar.

O observador pode ser não participante, na medida em que o investigador não participa na vida do grupo, observando-o do “exterior”, verificando-se este tipo de recolha enquanto apenas se observa, regista e descreve situações. A observação participante “consiste em estudar uma comunidade durante um período, participando na vida coletiva. O investigador estuda então os seus modos de vida, de dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbá-los o menos possível” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 197).

2.2.2. Análise documental

Relativamente à análise documental é mais um instrumento que já foi elaborado anteriormente por outrem que pode dar mais informações para que seja possível responder a todas as questões colocadas.

Serão elaboradas grelhas de registo de forma a facilitar a organização de informação e orientar as atividades que vão sendo elaboradas durante a prática. As

grelhas de observação constituem um instrumento de recolha de dados característico de uma observação direta e sistemática. Tuckman (2005, p. 288) define este instrumento como “dispositivos usados pelo observador para sumariar juízos de valor, atribuídos à atividade observada ou comportamento”. A vantagem deste está associada às suas características: flexibilidade e possibilidade de adaptação a situações e objetivos diferentes. Neste sentido, e de acordo com Pacheco (1995, p. 9) “a investigação reflete e problematiza o processo de ensino-aprendizagem, que suscita o debate em que se edificam as ideias inovadoras”.

No que toca à análise de conteúdo, de acordo com Quivy & Campenhoudt (1992, p. 227), a mesma é definida como “a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade”. A análise de conteúdo permite organizar e analisar o trabalho a partir de uma grande variedade de dados. Como método, possibilita estabelecer as regras que validam e justificam a informação selecionada.

A definição compreende a ideia de que o investigador se depara com uma grande dispersão e variedade de conteúdos dentro da informação recolhida. Será a interpretação fundamentada desses dados que dará origem às respostas das questões que foram colocadas inicialmente. Ao trabalhar-se no campo das perspetivas, conceitos, ideias, valores ou opiniões que um sujeito tem sobre um tema, implica a estruturação da informação recolhida para posterior leitura e análise.

Em modo de conclusão, na tabela em baixo apresento como os dados serão recolhidos e tratados ao longo da investigação:

Fases do Projeto		Métodos e Técnicas de Recolha de dados	Métodos e Técnicas de análise de dados
1-Observação	A escola	- Observação participante; - Entrevista à orientadora cooperante; - Análise documental.	- Análise de conteúdo.

	A prática Pedagógica da Orientadora Cooperante	- Observação participante; - Entrevista à orientadora cooperante; - Conversas informais com a orientadora cooperante.	- Análise de conteúdo.
	A turma	- Observação participante; - Entrevista à orientadora cooperante; - Conversas informais com a orientadora cooperante; - Análise das produções dos alunos.	- Análise de conteúdo.
2-Intervenção	As aprendizagens	- Observação participante; - Grelhas de observação; - Notas; - Análise das produções dos alunos.	- Análise de conteúdo.
3-Avaliação	As aprendizagens	- Observação participante; - Grelhas de observação; - Notas; - Análise das produções dos alunos.	- Análise de conteúdo.

As ações de observar, registar, analisar, refletir, dialogar e repensar são partes essenciais da investigação.

3. Caracterização do contexto Educativo

3.1. O Agrupamento

O Agrupamento de Escolas da Trafaria surgiu no ano letivo 2001/2002 e engloba quatro estabelecimentos de ensino sendo estes a Escola EB1/JI nº1 da Trafaria, a Escola Básica Cremilde Castro e Norvinda Silva, Escola EB1/JI nº3 da Trafaria e a Escola Básica do

2º e 3º Ciclos da Trafaria, localizadas na União das Freguesias de Caparica e Trafaria. A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos da Trafaria é a escola-sede do Agrupamento.

O Agrupamento encontra-se integrado no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (Projeto TEIP) com o objetivo de dar resposta a problemas que foram identificados ao longo do tempo, uma vez que estamos “perante uma população escolar peculiar com características muito específicas e distintas a vários níveis” (Trafaria, 2017/2018). Está inserido num contexto em que as condições socioeconómicas são muito frágeis e o nível escolar dos agregados familiares é baixo, existindo ainda uma “desvalorização e desresponsabilização, assim como a ausência de competências parentais, intensificando baixas expectativas dos jovens e consequente abandono e insucesso escolar” (Trafaria, 2017/2018).

Este Agrupamento é também multicultural, uma vez que acolhe vários alunos com origens e culturas diferentes, sendo que acresce algumas dificuldades no sentido em que existem “diversidades linguísticas e religiosas, dificuldades de integração, alguma conflitualidade” (Trafaria, 2017/2018). Para contrariar essas dificuldades o agrupamento tem como objetivo adotar atividades que “facilitem o conhecimento do outro, que se vençam preconceitos, que se eliminem discriminações e estereótipos, de modo a que se promovam valores como a igualdade, a tolerância e a solidariedade” (Trafaria, 2017/2018).

Uma vez que existem todas estas condicionantes, é necessário que exista um esforço por parte dos docentes para criarem atividades que promovam o interesse escolar e lhes proporcione momentos de aprendizagem pura, para que seja possível combater o insucesso escolar.

3.2. A Escola

A escola onde foi aplicado o projeto foi a Escola EB1/JI nº 1 da Trafaria, situada na Avenida 25 de abril na Trafaria, junto a um dos bairros sociais da vila. A maior parte dos alunos vivem no bairro social junto à escola denominado como Bairro dos Pescadores e no bairro seguinte denominado Bairro do 2º Torrão, sendo a maioria de etnia cigana e africanos ou com descendência africana.

Como já foi referido anteriormente, a maior parte dos alunos não tem apoio escolar em casa existindo uma desmotivação para terminar os estudos e progredir. Para além disso existe alguma indisciplina e falta de interesse também por parte dos alunos, existindo uma tendência para utilizar a agressão verbal e física no que toca à resolução de conflitos, num panorama geral.

A escola integra as valências de Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo que o Pré-escolar conta com apenas um grupo e existindo quatro turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico cada uma delas referente a um ano de escolaridade.

O edifício central dá abrigo ao 1º Ciclo do Ensino Básico e conta com cinco salas, quatro destinadas a sala de aula, tendo cada turma a sua, e a restante é utilizada como sala dos professores. O Pré-escolar encontra-se num edifício à parte que contém ainda uma outra sala que é utilizada para aulas de apoio ou outro tipo de atividades.

As casas de banho da escola também são fora do edifício principal sendo que cada vez que um aluno precisa de ir à casa de banho, esteja a chover ou não, têm de sair do edifício.

O exterior é imenso, para além das casas de banho, oferece um campo de pinheiros, um campo de futebol em terra batida e um pequeno telheiro, no entanto não tem oferta a nível lúdico e devido ao comportamento da maior parte dos alunos, os mesmos não se podem deslocar para todo o lado uma vez que não existem funcionários suficientes para vigiarem todos os pontos do recreio.

Nas traseiras do edifício principal da escola encontra-se ainda um refeitório tendo ele sido construído recentemente.

A nível de materiais são poucos os recursos disponibilizados na escola, no entanto todas as salas de aula podem contar com um computador e um projetor.

A escola apresenta algumas condições precárias, no entanto os docentes e funcionários esforçam-se para tornar o ambiente mais apelativo, natural e calmo.

3.3. A Turma

Este projeto foi aplicado na turma 1º A sendo a única turma de 1º ano da escola, onde são integradas 17 crianças, sendo 8 alunos do sexo masculino e 9 alunos do sexo feminino. A maior parte dos alunos têm 6 anos existindo 3 alunos com 7 anos. No entanto um dos alunos ingressou no 1º ano de escolaridade com apenas 5 anos aspeto que, segundo conversas informais com a professora cooperante, se reflete na sua aprendizagem e ritmo de trabalho.

A maior parte dos alunos da turma vêm de raízes africanas, nomeadamente angolanas e cabo verdianas mas nasceram em Portugal, sendo esta parte da turma composta por 11 alunos. São ainda parte integrante da turma 2 alunos que vieram do Brasil e 3 que são de etnia cigana. O único aluno que falta mencionar tem nacionalidade portuguesa sendo as suas raízes portuguesas também.

São crianças que vivem dentro de uma classe social médio-baixa habitando os bairros sociais circundantes à escola, um conhecido como Bairro do 2º Torrão e outro como Bairro dos Pescadores, à exceção de 3 alunos que vivem em localidades próximas, mas que partilham a mesma classe social.

Existe um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que é acompanhado por um professor fora da sala de aula num momento que ocorre todas as quartas-feiras. No entanto não é o único aluno que precisa de apoio na aprendizagem, destacando-se da turma mais 4 alunos que são acompanhados pela professora do Ninho (apoio proposto pela escola), uma vez que apresentam grandes dificuldades de aprendizagem e mostram a necessidade de ter um acompanhamento individualizado para conseguirem progredir nas suas aprendizagens. Este momento realiza-se todas as segundas-feiras, no segundo tempo da manhã, onde os alunos se deslocam para outra sala com a professora.

A turma é composta por alunos que não têm muito estímulo em casa junto dos seus familiares, onde raramente se lê uma história ou até mesmo se possui um livro, não existem grandes rotinas ou acompanhamento, existindo algumas exceções no que toca ao envolvimento dos pais na aprendizagem dos seus filhos. Na maioria são crianças que carecem de atenção e até de bens essenciais, sendo que a maior parte das famílias

destas crianças são apoiadas pelo Banco Alimentar, uma vez que não existe outra forma de (sobre)viver. Posto isto, é de referir que é um contexto que precisa de muito apoio, acompanhamento e iniciativa por parte do docente de modo a progredir no desenvolvimento pessoal e na aprendizagem escolar.

A turma caracteriza-se como sendo heterogénea a nível de aquisição do conhecimento e a nível de ritmo de trabalho. Existem alunos que compreendem e assimilam o conhecimento de forma rápida e eficaz, no entanto também existem alunos que, por dificuldades na aprendizagem ou apenas por preguiça ou falta de confiança, não compreendem o que lhes é dito ou pedido, resultando num maior tempo de realização das atividades propostas. Existem alunos com as capacidades mais desenvolvidas e outros com grandes dificuldades de aprendizagem.

De acordo com o observado esta turma do primeiro ano é agitada, no entanto sentiu-se a necessidade de existir um ritmo de trabalho estimulante para impedir o aparecimento de conversas paralelas, passeios pela sala ou ainda constantes idas à casa de banho. São alunos que estão em constante movimento, seja a mexer nos lápis que estão no estojo ou a balançar a cadeira. No entanto, existem alguns alunos que se mostram motivados e curiosos participando ativamente nas atividades propostas.

Atendendo que é uma turma do 1º ano não é uma turma muito autónoma na medida em que ainda dependem inteiramente das orientações do professor.

Esta turma encontra-se em fase de aquisição de rotinas que se enquadram no 1.º ciclo do ensino básico, nomeadamente estar corretamente sentados no lugar e o respeito mútuo. Têm também muita dificuldade em intervir na sua vez e em levantar o braço para poder exprimir a sua opinião, acontecendo muitas vezes, levantarem o braço e começarem automaticamente a falar sem lhes ter sido dada a palavra. No fundo necessitam de compreender e respeitar as regras do bom funcionamento de uma sala de aula o que, segundo a professora cooperante, é dificultado quando no seio familiar não existe a promoção de rotinas ou de condutas a seguir.

4. Análise textual: livros infantis

Neste capítulo será feita uma análise dos livros escolhidos para os alunos durante o decorrer do projeto e onde será justificada a sua escolha. Livros estes que foram lidos aos alunos e trabalhados pelos mesmos em diversas atividades que proporcionaram momentos de aprendizagem.

4.1. Análise e interpretação das estruturas narrativas dos livros lidos

4.1.1. “A estrela de Laura”

O livro conta a história de Laura, uma menina que queria ter uma amiga para contar os seus segredos. Esta narrativa começa apresentando o desejo da personagem principal, a Laura que diz “Quem me dera ter uma amiga” (Baumgart, 2013, p. 1). Conseguimos então perceber qual a intenção da história.

No que toca ao tempo da história, sabemos apenas que começa durante a noite e vai até ao final do dia seguinte uma vez que é referido “(...) apenas as estrelas distantes que piscavam e brilhavam como pequenas pérolas no céu da noite” (Baumgart, 2013, p. 1) logo no início da narrativa e a dada altura é referido “Mas quando Laura acordou no dia seguinte” (Baumgart, 2013, p. 12), desta forma podemos ter a confirmação de que a narrativa se desenrola durante uma noite e um dia completo.

Quanto ao espaço a narrativa não nos dá informações concretas quanto ao local em que se desenrola a ação, no entanto temos indicações como “seu quarto” (Baumgart, 2013, p. 7), “desceu até à rua” (Baumgart, 2013, p. 3), que fazem referência aos espaços onde a Laura se encontra com a sua estrela e onde existe a ação da história.

Relativamente às personagens, a personagem principal é a Laura e a estrela caída do céu. É em torno da interação das duas personagens que se passa toda a narrativa. É ainda feita referência aos pais de Laura, “os seus pais bem tentaram alegrá-la” (Baumgart, 2013, p. 15), o que faz com que sejam as personagens secundárias da narrativa.

No que toca à caracterização física de Laura, não temos qualquer informação na narrativa, apenas as ilustrações nos podem dar informação acerca do assunto, sabemos que é uma criança de cabelo curto e castanho e de olhos azuis. Quanto à estrela a narrativa diz-nos que era uma “pequena estrela que lançava faíscas coloridas” (Baumgart, 2013, p. 5), diz-nos ainda que “uma das pontas da estrela tinha-se partido quando esta caíra no chão” (Baumgart, 2013, p. 7). Quanto às personagens secundárias, os pais de Laura, não existe nenhum dado em relação aos mesmos.

Quanto à caracterização psicológica das personagens, apenas temos informações sobre Laura. Ao ler a história conseguimos perceber que é uma menina muito sensível, que se sente sozinha e que precisa de uma amiga uma vez que refere logo no início do livro “Quem me dera ter uma amiga” (Baumgart, 2013, p. 1). No entanto podemos ainda perceber que é aventureira uma vez que é referido “Algo de mágico e maravilhoso estava a acontecer! Laura vestiu apressadamente o roupão, calçou os chinelos e desceu até à rua” (Baumgart, 2013, p. 3). Relativamente às restantes personagens, não temos qualquer tipo de informação acerca da sua caracterização psicológica.

A nível do desenvolvimento da leitura e da escrita, o livro foi escolhido uma vez que o título do mesmo e as suas palavras-chave ajudariam a consolidar conhecimentos adquiridos no que toca às letras e sons, fazendo a junção das sílabas já aprendidas criando assim palavras.

O livro desperta ainda curiosidade nos alunos uma vez que a estrela é destacada com brilho e relevo onde os alunos podem tocar e interagir com o próprio livro. O autor do livro é Klaus Baumgart, foi publicado pela editora Minutos de leitura e faz parte do Plano Nacional de Leitura.

4.1.2. “Lavar, escovar, esfregar!”

Este livro é uma forma diferente de abordar a higiene explicando de forma divertida o que são os micróbios, os germes e a importância que a higiene tem para nós no nosso dia a dia e na prevenção de doenças. É um livro informativo para crianças que vai fazendo comparações com os animais à medida que explica os cuidados que os seres humanos têm de ter na sua higiene motivando os alunos para terem cuidado com a sua

própria higiene, “os animais-até os insectos- lavam-se, escovam-se e esfregam-se” (Manning & Granström, 2002, p. 3). Realmente motiva os alunos uma vez que, se até os animais se lavam, escovam e esfregam porque é que nós, que somos seres humanos, não haveríamos de o fazer? É uma questão que começa a ecoar na cabeça dos alunos. Na hora do conto em que o livro foi lido os alunos não conheciam apenas três letras do seu título o que fez com que comessem a aumentar o seu conhecimento acerca da fonologia das palavras e da forma como se escrevem.

Foi um dos livros escolhidos uma vez que os alunos vivem num contexto social pobre e nem todos têm uma educação que os sensibilize no que toca aos cuidados que devemos ter com o nosso corpo, por isso é necessário que esta sensibilização seja feita na escola, em sala de aula, para que eles próprios comecem a ser autónomos nesse sentido e comecem a tratar deles próprios.

Os autores do livro são Mick Manning e Brita Granström e a editora que o publicou foi a editora Caminho. Este livro também faz parte do Plano Nacional de Leitura

4.1.3. “Anita mamã”

O livro “Anita mamã” conta a história de uma menina chamada Anita que fica a tomar conta do seu irmão bebé enquanto os pais estão fora. A Anita alimenta, dá banho e passeia o irmão, põe-no a dormir e trata dele com muito carinho. É um livro que faz parte de uma vasta e antiga coleção onde a personagem principal é sempre a Anita que se faz sempre acompanhar do seu gato Pom-Pom e do seu cão Pantufa, sendo estes as personagens secundárias. Nesta narrativa ainda podemos contar com mais uma personagem secundária, o seu irmão. Podemos afirmar que é um clássico que vai sobrevivendo com o passar dos anos.

A narrativa começa apresentando o espaço em que se encontram: “Esta manhã reina a calma na casa da Anita” (Delahaye & Marlier, p. 3), sendo que não é este o único local em que se desenrola a história, a Anita, o seu irmão, o Pom-Pom e o Pantufa vão ainda até ao parque onde “Anita sente-se orgulhosa ao passear o irmão no lindo carrinho” (Delahaye & Marlier, p. 11).

É uma narrativa com pormenores para nos levar para dentro da história, sabemos que “o jardim cheira bem” (Delahaye & Marlier, p. 3), no quarto do bebé o papel de parede tem patos que “parece que vão lançar-se ao charco” (Delahaye & Marlier, p. 4), os lençóis do bebé tem “bordados a cores coelhos e passarinhos” (Delahaye & Marlier, p. 10).

No tocante às personagens, não temos qualquer descrição durante a narrativa, podemos apenas saber as suas características físicas através das perfeitas ilustrações do livro. No entanto, a narrativa mostra-nos alguns traços de personalidade da personagem principal, a Anita, que “faz por ter todo o cuidado, para não picar o irmãozinho com o alfinete-de-dama” (Delahaye & Marlier, p. 7), mostrando assim que a Anita é uma menina muito cuidadosa; “a Anita não se atrapalha” (Delahaye & Marlier, p. 7) mostra que é uma personagem desembaraçada; “O bebé chora. Anita sabe bem a razão da sua impaciência. É a hora do biberão” (Delahaye & Marlier, p. 8) o que nos mostra que a personagem principal está bem ciente das rotinas do seu pequeno irmão.

Ao ler o livro ficamos a saber que o objetivo da narrativa é mostrar como a Anita consegue tomar conta do seu irmão bebé enquanto os pais estão fora, “Anita levanta-se logo, pois hoje tem de substituir a Mãe e tratar do Francisco” (Delahaye & Marlier, p. 3).

No que toca ao tempo da ação, sabemos que a mesma tem a duração de um dia uma vez que a narrativa começa com “Esta manhã reina a calma na casa da Anita” (Delahaye & Marlier, p. 3) e termina “As estrelas aparecem no céu. São horas de deitar o bebé” (Delahaye & Marlier, p. 18).

Este livro foi escolhido por ser um clássico, como já foi referido, por se enquadrar com as competências e aprendizagens que eram pretendidas e ainda por mostrar tarefas com as quais os alunos estão familiarizados, uma vez que, apesar da pequena idade em que se encontram, muitos dos alunos cuidam dos seus irmãos em casa, visto que muitos deles fazem parte de famílias numerosas. Desta forma podemos aproximar-nos dos alunos e eles podem rever-se numa história com 65 anos.

O que também ajuda a motivar a leitura são as ilustrações que quase parecem vivas e que caracterizam na perfeição a sua história, depois de ler cada parte do texto as imagens são analisadas com pormenor.

Esta história foi escrita por Gilbert Delahaye, as ilustrações foram executadas por Marcel Marlier e foi publicada pela editora Verbo Infantil em Portugal.

5. Propostas pedagógicas em torno dos livros para os alunos e reflexão sobre as competências desenvolvidas

Neste capítulo serão exibidas as propostas pedagógicas apresentadas aos alunos e será feita uma análise dos resultados obtidos de cada uma delas.

5.1. “A estrela de Laura”

Este livro foi lido durante a altura do Natal, onde todos os alunos, assim como a personagem principal da história, tem desejos que gostariam de realizar. Estando num contexto pobre mais ainda existe por realizar.

O propósito da leitura deste livro foi trabalhar conteúdos do Português nomeadamente desenvolver a escrita e a escuta ativa, assim como é descrito na planificação da atividade¹ que foi executada na 9ª semana de estágio.

Esta obra foi inserida com uma leitura feita por mim, no cantinho da Hora do Conto, onde os alunos foram questionados se sabiam identificar a capa, contracapa e lombada do livro. Uma vez que já tínhamos inserido este tipo de identificação anteriormente todos os alunos da turma foram capazes de responder de forma correta.

Foi ainda perguntado se eram capazes de identificar o título e o autor do livro, ao que todos os alunos souberam responder corretamente. Ainda antes de começar a leitura foi perguntado aos alunos se reconheciam alguma das letras do título do livro, uma vez que já tinham aprendido as vogais e algumas das consoantes presentes no título. Nem todos os alunos foram capazes de responder corretamente existindo quatro que não responderam de todo. Estes quatro alunos são crianças com dificuldades na aprendizagem, mas por diferentes motivos, o I. e a E. têm necessidades educativas especiais, o L. mostra falta de interesse e pouco apoio familiar, só concretiza corretamente as tarefas se algum adulto estiver ao lado dele e a T. por ter passado

¹ Planificação da atividade “A estrela de Laura” - Apêndice 1

demasiado cedo para o 1º ciclo, uma vez que as suas capacidades e maturidade ainda não estão suficientemente desenvolvidas para ser exposta a este tipo de aprendizagem.

Este resultado mostra que apenas uma pequena parte da turma pode estar com algumas dificuldades a nível do Português, no entanto é extremamente urgente contrariar estas dificuldades uma vez que influenciam o desenvolvimento dos alunos. Toda esta primeira parte foi feita oralmente não existindo nenhum registo escrito por parte dos alunos. A história foi lida aos alunos e de seguida foi pedido que fizessem um pequeno resumo em conjunto de modo a entender se os alunos compreenderam ou não a sua narrativa. Deste modo começou por ser feito com a seguinte pergunta dirigida aos alunos: “Então meninos, quem era Laura?”. Surgiram respostas como: “Era uma menina que queria uma amiga”, “Uma menina que encontrou uma estrela que caiu do céu”. Seguindo-se várias perguntas que estimulassem a memória dos alunos que modo a conseguirem realizar o resumo. Uma vez que existem alguns alunos com alguma dificuldade na concentração fiquei admirada e orgulhosa quando todos os alunos foram capazes, em conjunto, de fazer o resumo da narrativa contando todos os seus pormenores, partilhando o conhecimento entre si.

De seguida foi pedido aos alunos que escrevessem numa estrela o seu desejo de natal usando os conhecimentos de escrita já adquiridos até então. Foi-lhes entregue um balão feito em papel esponjoso e uma estrela feita em cartolina branca. Foi dado a escolher aos alunos se preferiam um balão azul ou vermelho. No entanto, uma vez que a turma ainda não os dominava na sua totalidade já se esperava que seria necessário intervir e prestar auxílio na escrita. Desta forma foi pedido aos alunos que pensassem no que queriam escrever e tentar perceber se conseguiam escrever sozinhos, enquanto eu rondava os alunos de modo a ter noção de quem poderia pedir ajuda. Toda a turma precisou de ajuda de modo a conseguir escrever o que pretendia, no entanto foi demonstrada uma vontade de querer fazer sozinho. Apenas quatro alunos da turma assumiram que precisavam de ajuda no primeiro momento em que a atividade foi proposta, sendo estes os quatro alunos já referidos em cima. No entanto, tentei contrariar este tipo de postura e reação dando alguma motivação aos alunos para que pudessem pensar que são capazes e assim executar a tarefa. O L. conseguiu escrever o que queria e apenas lhe foi prestado auxílio a escrever uma palavra uma vez que não

conhecia todas as letras. Os restantes três precisaram de ajuda individual porque não conseguiam escrever o que pretendiam. Deste modo prestei auxílio a cada um deles individualmente, pegando nas suas mãos e escrevendo o que pretendiam à medida que ia lendo para que conseguissem associar o som à escrita.

A atividade terminou com os alunos a mostrarem aos colegas a sua estrela presa num balão com corda de sisal e a lerem o desejo que escreveram perante toda a turma.

O resultado foi exposto na parede da sala juntamente com o livro como podemos ver na *Figura 1*.



Figura 1- Exposição do trabalho dos alunos sobre o Livro "Estrela de Laura"

Posso concluir que a atividade correu como esperado, os alunos dedicaram-se, escutaram e compreenderam, tendo a maioria da turma cumprido os objetivos do que foi proposto. Era esperado que os alunos necessitassem de algum auxílio e foi dessa forma que foi realizada a atividade para que todos pudessem alcançar o sucesso da mesma com o seu trabalho e para que se sentissem motivados para aprender mais.

5.2. “Lavar, escovar, esfregar”

A proposta de leitura à turma do livro em questão surgiu da necessidade de transmitir alguns hábitos de higiene que alguns alunos da turma não têm por variadas razões, ou porque a existência de água em casa é escassa ou mesmo por desleixo dos

próprios pais. Deste modo, e a meu ver, a escola deve intervir tanto junto dos alunos como junto dos pais de forma a inculcar estes hábitos.

A leitura do livro foi feita com os alunos no cantinho da Hora do Conto e para além do objetivo de inculcar hábitos de higiene, como já foi referido, teve também como objetivos desenvolver a escuta ativa e promover uma relação mais próxima com os livros, deixando os alunos explorarem o livro, manuseando e analisando o mesmo com as suas próprias mãos, assim como refere a planificação da atividade², que foi realizada na 10ª semana de estágio.

Desta forma, foi pedido aos alunos que se deslocassem até ao cantinho da Hora do conto e se sentassem em meia-lua de modo a podermos estar todos mais próximos tanto uns dos outros como do próprio livro. Eu sentei-me em frente a todos os alunos exibindo o livro e comecei por fazer as questões que já fazem parte da rotina, questões essas relacionadas com a identificação do autor, do título, da capa, contracapa e lombada do livro e às quais todos os alunos, sem exceções, já conseguem responder acertadamente a todas elas.

Começou então a leitura, as imagens iam sendo expostas e à medida que uma página era terminada, numa tentativa de encorajar e fomentar a atenção sobre o assunto, foram feitas algumas pausas de modo a realizar uma pequena análise do que tinha sido lido e onde os alunos expunham de forma individual os seus hábitos fazendo uma comparação com o exposto.

Continuando no momento de leitura, e no tocante à compreensão do vocabulário, é claro que foram surgindo palavras cujo significado era desconhecido pelos alunos. O livro em questão apresenta uma escrita simples, utilizando conceitos básicos e uma linguagem infantil o que o torna fácil de compreender pelos alunos. No entanto, uma vez que estamos a falar de higiene existe a necessidade de se utilizar conceitos mais específicos e científicos, dando o exemplo da palavra “oxiúros”. Assim que os alunos ouviram este conceito surgiu a questão “o que é isso?” por parte de um aluno e após um pequeno debate entre mim e a turma pude perceber, como é claro, que o conceito era totalmente desconhecido. No entanto consegui perceber que o significado da palavra

² Planificação da atividade “Lavar, escovar, esfregar” - Apêndice 2

não seria desconhecido para os alunos uma vez que conheciam o conceito “lombrigas”. Posso deste modo afirmar que em certas circunstâncias os alunos não estão familiarizados com variadas designações que uma palavra pode ter uma vez que o seu vocabulário não é muito variado. Deste modo há a necessidade de existir uma educação literária que coloque os alunos em contacto com vários conceitos e aprendizagens de forma a expandir o seu vocabulário e conhecimento.

Este tipo de atividades de leitura e exploração de livros dão a oportunidade aos alunos de terem acesso a um conjunto de ferramentas e competências fundamentais para a compreensão de texto, estimulando o pensamento, a imaginação e a criatividade dos alunos.

Em cada partilha que era realizada foi possível perceber que cinco alunos da turma não se sentiam tanto à vontade para partilhar conclusões a cerca do assunto, uma vez que durante a leitura estavam atentos, olhavam para mim e para o livro, mas quando chegava a altura de falarem sobre o que tinha sido lido baixavam a cabeça e facilmente se distraíam com o ambiente envolvente. Da minha parte não foi realizada qualquer tipo de pressão para que participassem, apenas chamava a atenção para que estivessem atentos ao que os colegas iam dizendo, no entanto, analisando a situação, se pudesse voltar atrás tinha pedido aos alunos que participassem sem pressionar, de modo a tentar perceber o porquê do desinteresse e para que pudessem ter uma participação ativa na atividade que estava a ser desenvolvida.

O título do livro “lavar, escovar, esfregar!” é repetido em cada página do mesmo depois de ser lida. Os alunos aperceberam-se de que existia essa repetição e cada vez que eu começava a ler a frase os mesmos repetiam voluntariamente em conjunto ao mesmo tempo que a lia. O facto de os alunos repetirem a frase mostrou que estavam dentro da leitura e que compreenderam do que estava a ser falado, no entanto, o mais interessante foi ver os alunos lerem essa mesma frase sozinhos quando o livro lhes foi passado para as suas mãos. A repetição dos sons e o facto de já conhecerem algumas sílabas presentes nas palavras fez com que conseguissem identificar o que tinha sido lido e autonomamente comesçassem eles a ler.

Posso afirmar que apenas quatro alunos não conseguiram identificar a frase e ler sozinhos, no entanto também demonstraram pouco interesse no manuseamento e

exploração do livro após a sua leitura estando mais afastados do grupo e a brincar com o que tivessem à mão. Os alunos que sentiram mais dificuldades em explorar o livro e em desenvolver a sua leitura autónoma, são os mesmos que demonstram dificuldades noutra tipo de atividades relacionadas com o português e até mesmo noutras áreas curriculares, uns por défice de atenção, outros por desinteresse e um outro por ter necessidades educativas especiais e precisar de um outro tipo de estímulo.

Como podemos ver na *Figura 2*, a exploração do livro foi feita em grande grupo, dando espaço a todos os alunos de manusearem o livro de forma individual, fazendo uma partilha do que acham, do que sentem e do que conseguem ler, demonstrando alguma motivação por conseguirem ler algumas palavras sozinhos.



Figura 2- exploração do livro "lavar, escovar, esfregar!" em grande grupo

Podemos assim concluir que a atividade correu conforme os seus pressupostos, num entanto o meu papel deveria de ter sido mais interventivo de modo a incluir todos os alunos tendo eles dificuldades em partilhar, colocando-os mais à vontade para o poderem fazer e em reter conhecimentos, estando mais próxima desses alunos explicando os conceitos de forma mais clara e perceptível para esses mesmos alunos.

5.3. “Anita mamã”

O livro “Anita mamã” foi proposto para introduzir a palavra mamã, uma vez que o método de aprendizagem da escrita e da leitura aplicado nesta turma pela professora titular é o método das palavras, onde existe uma lista e as palavras vão sendo

introduzidas conforme essa lista. Da palavra passamos para as sílabas da mesma fazendo menção aos seus sons individualizados e às famílias das sílabas. Neste caso a palavra é mamã e por isso a família das sílabas que foi mencionada foi o ma, me, mi, mo, mu. Esta atividade foi realizada na 11ª semana de estágio seguindo os pressupostos da sua planificação³.

Continuando com a proposta de atividade, foi novamente pedido aos alunos que se deslocassem para o cantinho da Hora do conto. Desta vez já não foi necessário referir a forma como têm de se sentar, os alunos fizeram-no de forma autónoma e organizada não existindo qualquer conflito. Sentei-me à frente dos alunos e próxima dos mesmos e comecei por apresentar o livro fazendo mais uma vez menção ao autor, título, capa, contracapa e lombada. Desta vez referi ainda que o livro em questão faz parte de uma coleção de livros bastante antiga e que conta várias histórias de uma menina chamada Anita. Referi ainda que o livro em questão conta a história de um dia em que a Anita teve de cuidar do seu irmão mais novo, o que fez com que despertasse ainda mais a atenção de alguns alunos, uma vez que se reviram no tema do livro.

À semelhança dos outros livros lidos, à medida que uma página era lida as imagens eram analisadas e os alunos faziam um resumo em conjunto, complementando-se uns aos outros do que tinha sido lido e mais uma vez apenas quatro alunos sentiram dificuldade em concentrarem-se no que estava a ser feito. No entanto, desta vez, comecei por incluir mais esses quatro alunos um pouco distantes da atividade fazendo questões individuais acerca do que tinha sido lido. Na altura de responder nem sempre sabiam a resposta pelo que pedia a um aluno que os ajudasse a responder. Após a ajuda pedia ao aluno com mais dificuldades que repetisse a resposta correta de modo a motivá-lo e para que percebesse que com um pouco de esforço e ajuda todos nós aprendemos.

O livro foi lido e foi feito um resumo em conjunto, oralmente, do que se tinha passado na história e pude chegar à conclusão que tinham entendido o que se tinha lido, pelo que pedi aos alunos para voltarem para os seus lugares para prosseguirmos com a atividade.

³ Planificação da atividade “Anita mamã” - Apêndice 3

Quando os alunos voltaram para as suas mesas senti que a turma estava agitada e que a concentração que tinha conseguido obter no cantinho da Hora do conto tinha desvanecido. Tudo isto deveu-se à deslocação dos alunos, percebi que se queria manter a concentração e uma vez que íamos passar para uma atividade mais formal em que os alunos precisavam da máxima concentração deveria ter mantido a turma sentada nos seus lugares. Com esta mudança foi necessário perder algum tempo de modo a acalmar novamente os alunos.

Depois de termos voltado à calma mostrei novamente a capa do livro e pedi aos alunos que lessem em uníssono o título do livro uma vez que já o conseguiriam fazer e a proposta foi realizada com sucesso. Após a leitura do título completo pedi para que lessem apenas a última palavra do livro, a palavra mamã e o mesmo aconteceu com sucesso. Foi então nessa altura que informei os alunos que iríamos aprender uma nova família de sílabas que provém das sílabas da palavra mamã.

Escrevi no quadro a palavra mamã, por baixo a restante família, ma, me, mi, mo, mu e pedi aos alunos que lessem um a um, pelo que todos os alunos conseguiram fazê-lo.

Após a leitura entreguei uma ficha⁴ de modo a consolidar os conhecimentos aprendidos acerca da palavra mamã e acerca de outras sílabas já aprendidas para ser realizada de modo individual.

No gráfico seguinte podemos ter uma melhor perceção dos resultados obtidos com a ficha apresentada:

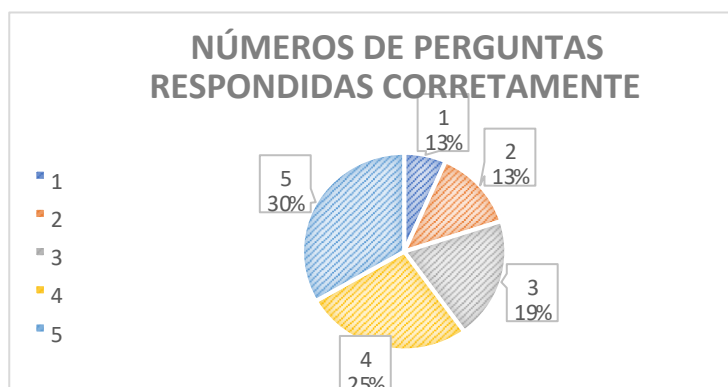


Gráfico 1- Número de respostas corretas sobre a ficha "Mamã"

⁴ Ficha sobre palavra mamã- Apêndice 4

Analisando o gráfico podemos observar que grande parte da turma conseguiu executar a ficha com sucesso respondendo a cinco questões corretas (a totalidade da ficha).

Mais uma vez apenas quatro alunos da turma sentiram mais dificuldade ao completar a ficha com as suas respostas, assim como mostra o gráfico, 13% da turma respondeu a apenas uma 1 questão corretamente e outros 13% respondeu corretamente a apenas 2 perguntas, mostrando que precisam de mais algum apoio para que consigam realizar com sucesso as atividades propostas. Deste modo, acabei por estar mais presente com esses quatro alunos durante a execução da atividade e assim foi possível atingir um resultado positivo. No entanto, apesar de os restantes alunos terem conseguido realizar a atividade sem precisarem de muito apoio, senti que negligencieei um pouco a restante turma, pelo que é preciso conseguir gerir o tempo com cada aluno de modo a apoiar toda a turma.

Podemos concluir que há que existir uma boa gestão de tempo de modo a conseguir apoiar todos os alunos nas suas aprendizagens e que as atividades devem ser adaptadas consoante os conhecimentos já adquiridos e consoante as dificuldades dos alunos. Podemos também concluir que a leitura do livro ajudou os alunos a focarem-se no que ia ser explanado, dando-lhes um contexto também, tornando a aprendizagem mais interessante e didática.

6. Projeto de desenvolvimento e animação do cantinho da *Hora do conto*

Este projeto surge da necessidade de promover o contacto com o livro e de motivar os alunos para a aprendizagem e a necessidade de obter mais conhecimento uma vez que são alunos que vivem e sobrevivem num contexto pobre com pouco acesso a materiais que lhes incutam a vontade de querer saber mais, de explorar e de aprender. A grande maioria da turma provém de famílias com um baixo nível de escolaridade e que, apesar dos esforços de alguns, não são capazes de estimular estas crianças o suficiente.

Deste modo, é necessário que a escola intervenha e que complete os estímulos necessários para que os alunos possam singrar e usufruir das suas aprendizagens. Sendo assim, foi criado um espaço propício a explorar os livros e foi criada uma rotina de leitura durante a execução deste projeto que será descrito e avaliado durante este capítulo.

6.1. Objetivos do projeto

Este projeto teve como principal objetivo melhorar o cantinho da Hora do conto já existente na sala, no entanto o espaço era pequeno o que fazia com que os alunos não tivessem espaço suficiente para se sentarem e usufruírem do espaço na sua totalidade. O facto de o espaço ser pequeno fazia também com que os alunos ficassem demasiado próximos uns dos outros o que levava muitas vezes à criação de conflitos dentro do grupo.

Outro objetivo referente ao cantinho da Hora do conto foi aumentar e diversificar os livros, uma vez que os livros já existentes eram em pouca quantidade o que originava conflitos entre os alunos, visto que nem sempre existiam em quantidade suficiente para todos. Ao aumentar a quantidade de livros e diversificá-los no que toca aos temas e à qualidade faz com que todos os alunos encontrem algo que lhes agrade e que os motive.

Por último, ao criar este projeto, o grande objetivo foi sempre tornar este espaço mais visitado pelos alunos quer seja por propostas de atividades realizadas pelos professores, quer por vontade própria da turma, onde cada aluno pode aprender e criar uma relação mais próxima com o livro, tendo a sua autonomia. Deste modo, foi necessário tornar este cantinho mais apelativo e funcional, criando mais espaço onde os alunos se possam sentar, organizando os livros e colocando-os onde fosse de fácil acesso.

Em suma, temos três grandes objetivos para este projeto:

- Aumentar o espaço tornando-o funcional e apelativo;
- Aumentar a quantidade e qualidade dos livros;

- Tornar o espaço mais visitado pelos alunos.

6.2. Intervenção pedagógica

A intervenção pedagógica deste projeto foi baseada nos objetivos enunciados no ponto anterior sendo estes a base de todo o projeto. Deste modo, comecei por realizar a melhoria do espaço aumentando o mesmo, criando uma estante organizada dos livros e aumentando a sua qualidade e quantidade.

Para aumentar o espaço foi trocado o tapete já existente, trocando-o por um maior dando mais espaço aos alunos onde se sentarem. De seguida foi trocada a estante onde se encontravam os livros, colocando uma maior, facilitando o acesso aos livros também.

Para cumprir o segundo objetivo enunciado no ponto acima foi necessário completar o novo espaço com mais livros.

Os novos livros colocados no novo cantinho da Hora do conto foram fruto de uma angariação realizada através das redes sociais que chegou até outras escolas, à paróquia e à biblioteca da freguesia, tendo existido uma grande adesão por parte das instituições e por parte de várias pessoas que apenas queriam ajudar a tornar tudo possível. Foram doados cerca de cinquenta livros que agora fazem parte do cantinho da Hora do conto.

As alterações físicas realizadas ao cantinho da Hora do conto são visíveis na *Figura 3*, o cantinho da Hora do conto que já existia, e na *Figura 4*, o cantinho da Hora do conto com as suas mudanças. Essas mesmas alterações foram feitas por mim após o horário escolar terminar de modo a que fosse uma surpresa para os alunos quando chegassem à sala de aula no dia seguinte.

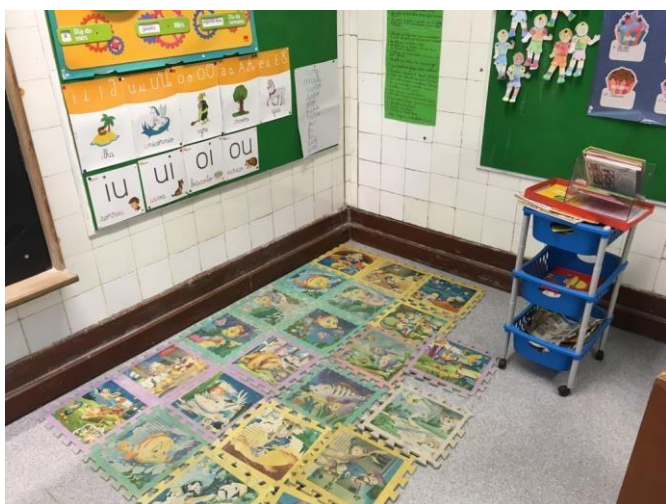


Figura 3- espaço cantinho da Hora do Conto antes das alterações



Figura 4- espaço cantinho da Hora do Conto depois das alterações

Para além das alterações físicas, foi também criada uma rotina de leitura ao qual foi dado o nome de Hora do conto que consistia em todas as quartas-feiras à tarde, os alunos deslocavam-se até ao cantinho da Hora do conto e uma história era contada, história essa que podia ser proposta por mim ou podia ser proposta pelos alunos para que eu lhes lesse. A maior parte das histórias lidas foram propostas por mim uma vez que iriam dar início a conteúdos de aprendizagem. No final da leitura os alunos podiam explorar o livro lido ou escolher um outro livro para explorarem por eles próprios, manuseando e tentando ler as palavras que já conheciam. Esta atividade tinha a duração de uma hora após a hora de almoço.

Deste modo os alunos começaram a habituar-se a utilizar o espaço de leitura à sua disposição e alguns já pediam permissão para se deslocarem até lá mesmo não sendo dia de Hora do conto, mostrando algum interesse em explorar o espaço para eles criado.

Para além de poderem explorar o espaço do cantinho da Hora do Conto existente na sala de aula, uma vez que o número de livros aumentou, os alunos começaram a ter a possibilidade de levar um livro para casa durante uma semana, tendo o compromisso de o tratar e preservar da melhor forma, não se esquecendo de o devolver uma semana depois.

Em suma, com estas intervenções permitimos o acesso aos livros que normalmente estes alunos não têm nas suas casas e ainda os responsabilizamos,

contribuindo assim para o seu desenvolvimento cívico ao mesmo tempo que se promove o gosto pela leitura e a leitura autónoma.

6.3. Avaliação da intervenção

Como foi referido no ponto anterior, para além de terem sido feitas alterações ao espaço físico da sala de aula foi também criado um espaço na rotina dos alunos que promovesse o gosto pelos livros e pela leitura, dando-lhes a oportunidade de terem acesso a materiais que de outra forma não teriam.

Neste capítulo será feita a avaliação do que foi implementado e da minha prestação enquanto impulsionadora do projeto.

Comecemos então pelas alterações físicas que foram efetuadas no espaço. Essas mesmas alterações foram realizadas por mim após o horário escolar, deste modo, no dia seguinte, quando os alunos chegaram à sala de aula repararam que existia alguma coisa de diferente, mas só quando foi referido que tinham um novo espaço de leitura é que realmente perceberam o que era. É claro que os alunos ficaram entusiasmados por saberem que tinham mais materiais e um espaço mais amplo para explorarem os materiais, no entanto deveria ter feito a alteração com o auxílio dos alunos para que eles se integrassem e se sentissem parte do projeto.

No que toca à implementação da *Hora do Conto* no horário dos alunos, a mesma foi falada com a professora orientadora que disponibilizou um momento do horário que pudesse ser preenchido pelo momento de leitura, pelo que todas as quartas-feiras, depois da hora de almoço, uma hora era dedicada à leitura e à exploração dos livros. É com um grande orgulho que concluo que foi um sucesso. Os alunos facilmente se adaptaram a essa rotina e já questionavam qual o livro que seria lido na próxima sessão de *Hora do conto*, o que demonstrou entusiasmo e interesse por parte dos alunos.

A primeira sessão de *Hora do conto* foi cheia de agitação por parte dos alunos uma vez que não estavam habituados a este tipo de atividades, existindo alguns conflitos entre a turma que tiveram de ser controlados. Para além disso, assumiram aquele momento como um momento de recreio quando na realidade é um momento de

aprendizagem mais didática. No entanto, à medida que se ia repetindo a *Hora do Conto*, ou seja, à medida que se ia criando uma rotina, os alunos começaram a perceber o que era pretendido e já não existia conflito nem entendiam aquele momento como um momento de brincadeira.

Concluindo, é por todas estas razões que posso afirmar que foi um projeto muito bem sucedido uma vez que todos os alunos se integraram e perceberam o seu propósito, não logo na primeira sessão, mas à medida que começou a fazer parte da sua rotina. Para além disso foram proporcionados momentos de aprendizagem didática e o contacto com os livros que de outra forma os alunos não teriam.

Considerações finais

Ao concluir esta investigação e intervenção é importante refletir sobre as mesmas de modo a compreender as dificuldades encontradas e analisar as aprendizagens adquiridas durante todo o processo.

É de extrema importância para o profissional refletir sobre a sua prática pedagógica para que possa melhorar a mesma, desta forma crescerá e tornar-se-á cada vez mais consciente das dimensões de ser professor.

No que toca às dificuldades sentidas ao longo de toda a intervenção, senti que o tempo foi uma delas, uma vez que nem sempre era adequado às intervenções, sendo que umas vezes era escasso e outras vezes era em demasia. Desta forma, à medida que as intervenções foram feitas consegui começar a designar melhor o tempo estipulado para cada uma das propostas e desta forma alcançar o sucesso. Sem dúvida que as planificações foram fundamentais para orientar e organizar as intervenções.

É claro que a formação de hábitos de leitura requer algum tempo, sendo que durante o tempo em que estive em estágio neste contexto, pondo em prática este mesmo projeto não foi possível observar os resultados reais desta intervenção, pelo que é quase impossível afirmar que todos os alunos conseguiram criar hábitos de leitura autónomos. No entanto posso afirmar que houve um desenvolvimento de competências literárias por parte dos alunos durante as sessões da *Hora do Conto*, onde adquiriram ferramentas fundamentais para a compreensão e interpretação das obras. Foi também notável o crescimento no interesse pelos livros, desenvolvendo assim a sua cultura literária, relacionando as obras com as suas experiências pessoais e ainda aumentando o gosto pelos livros, aprimorando ainda a forma como os manuseiam.

Posso ainda salientar que a estratégia literária utilizada, a *Hora do Conto*, foi sem dúvida muito importante para despertar o interesse pelos livros e pela leitura, motivando os alunos a criar hábitos de leitura.

Relativamente à minha intervenção, posso considerar que foi bem sucedida uma vez que pude constatar uma grande adesão por parte dos alunos ao projeto

implementado e ainda no que toca ao desenvolvimento e implementação da educação literária, relativamente à implementação do projeto na rotina da sala de aula.

Concluindo, este projeto foi deveras importante para o meu crescimento tanto a nível pessoal como a nível profissional, uma vez que a componente prática complementa e dá sentido à componente teórica, sendo que ainda dá a oportunidade de estar em contacto direto com a profissão. Cheguei ainda à conclusão de que a formação de um professor está em contante desenvolvimento, uma vez que vão sempre surgindo dificuldades com as quais não contamos e que precisamos de as ultrapassar pelos nossos alunos e por isso estamos em desenvolvimento permanente ao longo de toda a nossa vida.

Bibliografia

- Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto- Reflexões sobre a arte de contar histórias na escola*. Lisboa: Teorema.
- Baumgart, K. (2013). *A estrela de Laura*. Estoril: Minutos de Leitura.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, V., & Azevedo, F. (2007). A importância do ensino básico na criação de hábitos de leitura: O papel da escola. Em F. Azevedo, C. Sáis, L. Balça, V. Coutinho, & R. Sousa, *Formar Leitores: Das teorias às práticas* (pp. 35-43). Porto: Lidel.
- Cruz, V. (2007). *Uma Abordagem Cognitiva da Leitura*. Lisboa: Lidel.
- Delahaye, G., & Marlier, M. (s.d.). *Anita mamã* (402 ed.). Lisboa: Verdo.
- Gomes, J. (1996). *Da nascente à Voz- Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.
- Gomes, J. A. (2002). Álvaro Magalhães ou o “complexo de memórias. Em A. T. Mesquita, *Pedagogias do imaginário: Olhares sobre a literatura infantil* (pp. 285-288). Lisboa: Edições Asa.
- Manning, M., & Granström, B. (2002). *Lavar, escovar, esfregar!* Alfragide: Caminho.
- Martins, M., & Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mergulhão, T. (2002). Percursos do imaginário: a identidade e a alteridade em Alice’s Adventures in Wonderland e A Bolsa Amarela. Em A. T. Mesquita, *Pedagogias do imaginário: Olhares sobre a literatura infantil* (pp. 86-98). Lisboa: Edições Asa.
- Mesquita, A. (2013). O conto de fadas de tradição popular. Em F. Azevedo, & M. Sardinha, *Didática e práticas: A língua e a educação literária* (pp. 167-184). Guimarães: Opera Omnia.
- Moreira, M. (2001). *A investigação-acção na formação reflexiva do professor-estagiário de Inglês*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Moreira, M. A., & Alarcão, I. (1997). *A investigação-acção como estratégia de formação inicial de professores reflexivos*. Porto: Porto Editora.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: teoria e práxis*. Braga.
- Piaget, J. (1994). *O Juízo Moral na Criança*. Summus.
- Pontes, V., & Barros, L. (2007). Formar leitores críticos, competentes, reflexivos: O programa de leitura fundamentado na literatura. Em V. Pontes, & L. Barros, *Formar Leitores: das Teorias às Práticas* (pp. 69-87). Porto: Lidel.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, J. (1993). *Dificuldades da Litura e da Escrita em Alunos do Ensino Básico*. Rio Tinto: Edições ASA.

- Rigolet, S. (2006). *Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem: Linhas de orientação para crianças até 6 anos*. Porto: Porto Editora.
- Rigolet, S. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças. Como formar leitores ativos e envolvidos*. Porto : Porto Editora.
- Silva, M. M., & Mociño, I. (2013). *Literatura para a Infância e a Juventude e Educação Literária*. Porto: Deriva.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e Ensinar a Ler* . Porto: Edições ASA.
- Traça, M. E. (1992). *O Fio da Memória: Do conto popular ao Conta para Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Trafaria, E. d. (2017/2018). Caminhar para o Sucesso. *Plano plurianual de melhoria/teip3*.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vygotsky, L. (2008). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Relógio D'Água.

Apêndices

Apêndice 1- História “A estrela de Laura” de Klaus Baumgart

→ Área curricular

- Língua Portuguesa

→ Domínio

- Oralidade;
- Iniciação à educação literária.

→ Conteúdos

□ Interação discursiva

- ↳ Princípio de cortesia;
- ↳ Resposta, pergunta, pedido.

□ Compreensão e expressão

- ↳ Articulação, entoação e ritmo;
- ↳ Informação essencial;
- ↳ Expressão de ideias e de sentimentos.

→ Objetivos

- Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos.;
- Interpretar textos orais de expressão literária;
- Interpretar textos literários com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura;
- Apreciar criticamente a dimensão estética dos textos literários e o modo como manifestam experiências e valores.

→ Recursos

- Materiais

- ↳ Livro “A estrela de Laura” de Klaus Baumgart;
- ↳ Molde da estrela em papel cavallinho;
- ↳ Moldes de balões desenhados em cartolina e corda de sisal.

- Humanos

- ↳ Alunos; ↳ Professora; ↳ Estagiária.

→ Desenvolvimento da situação de ensino-aprendizagem

→ Proposta de trabalho

- 1 - A estagiária começará por fazer referência à época natalícia, uma época em que todos nós pensamos no que mais desejamos e uma época de milagres natalícios;
- 2 - Apresenta o livro “A estrela de Laura” e faz referência à importância da leitura e do gosto pela mesma;
- 3 - Indica que a história do dia será “A estrela de Laura”;
- 4 - Pedirá aos alunos que, ordeiramente, se sentem no cantinho da biblioteca;
- 5 - Começará por mostrar a capa e começará a contar a história, mostrando as ilustrações de cada página;
- 6 - Sempre que possível, permitirá que exista interação entre a história e os alunos, deixando-os participar na leitura da mesma;
- 7 - Após a leitura, a estagiária incentivará ao reconto da história, fazendo questões como “Quem era a Laura?”, “O que mais queria a Laura?”, “Quem é que ela conheceu?”;
- 8 - Enquanto os alunos estiverem no cantinho da biblioteca, a estagiária distribuirá uma estrela por cada mesa;
- 9 - Pedirá aos alunos que retornem aos seus lugares, olhem para a estrela e pensem na parte da história que mais gostaram;
- 10 - A estagiária passará por cada aluno e perguntará no que pensou e ajudará o aluno a escrever a sua ideia na estrela;

- 11 - Entregará um balão em cartolina com corda de sisal e pedirá aos alunos que cole a estrela ao balão;
- 12 - Pedirá a cada um dos alunos que apresente à turma a sua estrela e diga qual a sua parte favorita da história;
- 13 - Fará a exposição das estrelas na parede da sala.

→ Organização dos alunos

- Em grupo; ▪ Individual.

→ Dificuldades previstas

- É esperado que os alunos:
 - ↳ Sintam dificuldades em escrever qual a sua parte favorita na estrela uma vez que ainda não conhecem todas as letras. Para contornar esta dificuldade, a estagiária passará por cada aluno, pedirá que lhe digam o que pretendem escolher e escreverá numa folha de modo a que o aluno consiga copiar. Caso existam alunos com dificuldades em escrever algumas letras, a estagiária pegará na mão e ajudará a escrever.

→ Questões a colocar para apoiar as aprendizagens

- “Qual o título do livro?”;
- “Qual o assunto desta história?”;
- “Quem é a personagem principal?”; ▪ “Qual é o desejo da personagem principal?”; ▪ “Ela consegue o que pretende?”.

→ Sistematização

A sistematização da tarefa passará pelo reconto da história e pelo registo da parte favorita de cada um dos alunos de modo a concluir a interpretação da história.

Apêndice 2- História “Lavar, escovar, esfregar”

→ Área curricular

- Língua Portuguesa

→ Domínio

- Oralidade;
- Iniciação à educação literária.

→ Conteúdos

□ Interação discursiva

↳ Princípio de cortesia; ↳
Resposta, pergunta, pedido.

□ Compreensão e expressão

- ↳ Articulação, entoação e ritmo;
- ↳ Informação essencial;
- ↳ Expressão de ideias e de sentimentos.

→ Objetivos

- Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos.;
- Interpretar textos orais de expressão literária;
- Interpretar textos literários com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura;
- Apreciar criticamente a dimensão estética dos textos literários e o modo como manifestam experiências e valores.

→ Recursos

▪ Materiais

- ↳ Livro “Lavar, escovar, esfregar” de Mick Manning e Brita Granstrom;

↳ Imagens dos animais referidos no livro.

■ Humanos

↳ Alunos; ↳

Professora; ↳

Estagiária.

→ Desenvolvimento da situação de ensino-aprendizagem

→ Proposta de trabalho

- 1 - A estagiária começará por pedir aos alunos que se desloquem até ao cantinho da biblioteca e que se sentem ordeiramente;
- 2 - Perguntará o que é costume fazerem no cantinho da biblioteca esperando que os alunos indiquem que costumam ler histórias;
- 3 - A estagiária indicará que hoje vão ouvir uma nova história;
- 4 - Fará referência aos embaixadores da saúde e à necessidade de termos cuidado com a nossa higiene;
- 5 - Indicará que durante esta altura do ano, é normal comermos muitos doces, mas também temos de ter cuidados com os nossos dentes e escová-los;
- 6 - Mostrará a capa do livro, irá ler o título e indicará quem são os autores;
- 7 - Começará então a ler o livro, mostrando as ilustrações à medida que vai avançando nas páginas;
- 8 - Sempre que possível, permitirá que exista interação entre a história e os alunos, deixando-os participar na leitura da mesma;
- 9 - Após a leitura, a estagiária incentivará ao reconto da história, fazendo questões como “De que fala o livro?”, “Ao longo do livro vão sendo feitas comparações com o quê?”;
- 10 - De seguida, dividirá a turma em dois grupos, tendo cada grupo o mesmo número de alunos;
- 11 - Indicará aos alunos que vão poder explorar o livro individualmente;

12 - Após a atividade realizada, recordará com os alunos o que devemos fazer para cuidarmos da nossa higiene, fazendo sempre referência à história lida.

→ [Organização dos alunos](#) ▪ Em grupo.

→ [Dificuldades previstas](#)

- É esperado que os alunos:
 - ↳ Sintam dificuldades em manusear o livro com cuidado e em compreender todas as palavras apresentadas

→ [Questões a colocar para apoiar as aprendizagens](#)

- “Qual o título do livro?”;
- “Qual o assunto desta história?”;
- “Devemos cuidar da nossa higiene? O que devemos fazer?”;
- [Sistematização](#)

A sistematização da tarefa passará pelo reconto da história e pelo manuseamento individual do livro por parte dos alunos.

Apêndice 3- História “Anita mamã”

→ Área curricular

- Língua Portuguesa

→ Domínio

- Oralidade;
- Iniciação à educação literária.

→ Conteúdos

□ Interação discursiva

- ↳ Princípio de cortesia;
- ↳ Resposta, pergunta, pedido.

□ Compreensão e expressão

- ↳ Articulação, entoação e ritmo;
- ↳ Informação essencial;
- ↳ Expressão de ideias e de sentimentos.

→ Objetivos

- Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos.;
- Interpretar textos orais de expressão literária;
- Interpretar textos literários com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura;
- Apreciar criticamente a dimensão estética dos textos literários e o modo como manifestam experiências e valores.

→ Recursos

▪ Materiais

- ↳ Livro “Anita mamã” de Gilbert Delahaye e Marcel Marlier.
- ↳ Ficha “Mamã”

▪ Humanos

↳ Alunos; ↳

Professora; ↳

Estagiária.

→ Desenvolvimento da situação de ensino-aprendizagem

→ Proposta de trabalho

- 1 - A estagiária começará por referir que a história de hoje é antiga, de um livro escrito em 1968, há muitos anos atrás;
- 2 - Indicará quem é o escritor, Gilbert Delahaye, e o seu ilustrador, Marcel Marlier e que os dois eram da Bélgica.
- 3 - Fará referência que originalmente o livro está escrito em francês, mas é vendido um pouco por todo o mundo. Indicará ainda que já foram feitas edições novas (explicando também o significado da palavra edição neste preciso contexto);
- 4 - Pedirá aos alunos que, ordeiramente, se sentem no cantinho da biblioteca;
- 5 - Começará por mostrar a capa do livro e fará novamente referência à edição do mesmo;
- 6 - Começará a contar a história, mostrando as ilustrações de cada página;
- 7 - Sempre que possível, permitirá que exista interação entre a história e os alunos, deixando-os participar na leitura da mesma;
- 8 - Após a leitura, a estagiária incentivará ao reconto da história, fazendo questões como “Qual a tarefa da Anita?”, “Quem estava com ela em casa?”;
- 9 - Após o reconto da história, a estagiária perguntará aos alunos se ouviram alguma palavra da qual não saibam o seu significado;
- 10 - Pedirá aos alunos que indiquem a palavra (caso exista) e explicará o seu significado. Voltará a ler o excerto onde se encontra a mesma de modo a ser inserida no seu contexto;

- 11 - Pedirá aos alunos voltem para os seus lugares;
- 12 - Escreverá a palavra mamã e as sílabas ma me mi mo mu no quadro e pedirá aos alunos para lerem;
- 13 - Entregará uma ficha aos alunos de modo a consolidarem os conhecimentos.

→ Organização dos alunos

- Em grupo; ▪ Individual.

→ Dificuldades previstas

- É esperado que os alunos:
 - ↳ Sintam dificuldades em recordar palavras mencionadas que os alunos não saibam o seu significado. Para contornar esta dificuldade a estagiária fará menção a palavras que possivelmente os alunos não conheçam e explicará o seu significado.

→ Questões a colocar para apoiar as aprendizagens

- “Qual o título do livro?”;
- “Qual o assunto desta história?”;
- “Quem é a personagem principal?”;
- “Porque é que a Anita ficou a cuidar do irmão?”; ▪ “A Anita sabia sempre o que fazer?”.

→ Sistematização

A sistematização da tarefa passará pelo reconto da história e pela resolução da ficha.

Apêndice 4

mamã

mamã

ma mã

ma mã

1. Copia a palavra *mamã*

2. Copia as sílabas da palavra *mamã*

ma mã

3. Junta as sílabas. Forma palavras e escreve-as.

ma mã _____

ma _____

ma pa _____

to _____

ma na _____

u _____

4. Faz a correspondência

mamã	•	•	menino
sapato	•	•	sapato
bota	•	•	uva
menino	•	•	bota
uva	•	•	menina
menina	•	•	mamã

5. Lê e copia as frases

É a mamã e o papá.

A mamã ama o bebé e o papá.

O bebé não papa a batata.
